

(Transcrição)

Roma, 12 de setembro de 2004

### **Chiara na Segunda Jornada da Interdependência**

#### **Chiara:**

Caríssimos amigos,

Hoje, sinto-me muito à vontade ao analisar, junto com vocês e a partir de muitas perspectivas, os mil e um aspectos da interdependência que desejamos focalizar juntos a fim de compreendermos melhor como orientá-la para o bem da família humana.

Na parte que me cabe, gostaria de evidenciar um aspecto da interdependência já mencionado na minha mensagem de adesão à primeira Jornada, no dia 12 de setembro de 2003, na Filadélfia. Trata-se do seguinte: o conceito da interdependência suscita no coração de muitos a vontade de realizar o imprescindível e necessário ideal a favor do qual pessoas de boa vontade, espalhadas no mundo inteiro, já decidiram empregar a própria vida: a fraternidade universal, um instrumento para atuar a unidade da família humana.

Sim, porque interdependência significa interrelação entre dois elementos que se condicionam reciprocamente. Essa relação só poderá ser atuada perfeitamente, entre os indivíduos e entre os Estados, se for caracterizada pelo respeito recíproco, pela compreensão recíproca, por saber deixar espaço para as dificuldades, os problemas uns dos outros, a fim de acolher os respectivos dons. Enfim, deve ser caracterizada pelo amor mútuo, como acontece entre irmãos verdadeiros.

A interdependência fraterna comporta, de fato, a escolha do diálogo e não da hegemonia, do caminho da partilha e não da concentração de recursos e das ciências numa única área do mundo. A interdependência fraterna é realmente “mútua dependência”, porque implica que a afirmação da minha identidade não pode se dar nem por defesa, nem por oposição, mas através da comunhão: dos recursos, das virtudes cívicas, das características culturais, das experiências políticas-institucionais. As minhas não são unicamente palavras; são o fruto da experiência do Movimento dos Focolares, do qual participo, efeito de um carisma do Espírito Santo. É um Movimento multicultural, multiétnico, multireligioso, difundido em 182 países, com milhões de aderentes, cujo objetivo é a fraternidade, ainda mais, a fraternidade universal. Essa mesma experiência suscitou em mim uma certeza e uma nova convicção ao avaliar, por exemplo, o que aconteceu depois da destruição das duas Torres Gêmeas: aquele trágico evento, momento de máxima desagregação das relações entre os homens e entre os povos, me pareceu paradoxalmente um momento em que o mundo podia dar um passo em frente rumo à fraternidade universal. Tive a confirmação nas horas sucessivas ao terrível atentado, vendo as reações e os depoimentos de muitos membros dos Focolares espalhados pelo mundo.

Dos Estados Unidos me informavam que, mesmo no drama que sacudiu todo o país, a sociedade americana vivenciava uma solidariedade e uma disponibilidade à partilha numa dimensão a meu ver inédita. Os cristãos e os irmãos muçulmanos afro-americanos do nosso Movimento reagiram ao ódio, mostrando juntos a sua profunda e consolidada fraternidade.

Percebi reações análogas na Argélia, nos Territórios Palestinos, em Jerusalém, na África do Sul e em muitas nações da Europa. Jovens e adultos, membros de religiões diferentes, assumiram uma responsabilidade ainda mais forte e consciente, e o nosso compromisso pela unidade entre todos os homens se tornou, desde aquele dia, mais compartilhado e decidido. Foi também por isso que a nossa adesão às razões e aos conteúdos das Jornadas da Interdependência foi plena. De fato, não podemos deixar de ver que a interdependência e a fraternidade são duas fases do caminho da humanidade para a sua completa reconciliação.

Como escreveu João Paulo II por ocasião da Jornada Mundial pela paz de 2001, exatamente “a situação atual de interdependência planetária ajuda a perceber melhor a comunhão de destino da família humana inteira”.